

RECEBIDO EM: 00-00-0000

ACEITO EM: 00-00-0000

ARTIGO DE REVISÃO

O CORPO NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR¹

*THE BODY IN THE SCHOOL
PHYSICAL EDUCATION*

Jorge BOTH

Licenciado em Educação

Física pela UNIOESTE

Membro do GEPEFE



¹ Este trabalho foi apresentado no IV Encontro de Pesquisa em Educação Física (2001) sob o título: “O corpo na escola: como foi, como é, e como pode ser tratado nas aulas de Educação Física”.

ARTIGO DE REVISÃO

RESUMO: O presente artigo vem abordar a questão do corpo nas aulas de Educação Física. O trabalho parte de uma revisão histórica da Educação Física, e apresenta a situação atual, aonde o esporte estudantil de rendimento vem tomando conta da Educação Física Escolar. Os conceitos de trabalho de Marcel Mauss entram na discussão no que se refere à forma de trabalho, onde essas formas analisam, primeiro o passado do aluno, para depois aplicar uma metodologia na aula que tem por base as experiências vividas pelo aluno. Muito diferente da que temos hoje, que é à busca do rendimento no esporte estudantil, inclusive nas aulas de Educação Física.

PALAVRAS-CHAVE: História, História da Educação Física, Educação Física Escolar, Ensino, Corpo.

ABSTRACT: The present article approaches the subject of the human body during physical education classes. It initiates from a historical revision of the physical education, and its present situation where the school sport performance is taking over the school physical education. Marcel Mauss' concepts enter in the discussion referring to the work form; firstly, these forms analyze the student past knowledge and later apply them by a methodology in the class based on the experiences of the subject. The search of student performance, especially in the physical education classes, is very different from what we have nowadays.

KEY WORDS: History, History of the physical education, School physical education, Teaching, Body.

1. INTRODUÇÃO

A história de cada pessoa está retratada no seu corpo, como MEDINA (1987) coloca em seu livro “O brasileiro e seu corpo”. O corpo do brasileiro sempre foi usado pelos dominantes. Na escola esta história não é diferente.

O presente trabalho tem a função de mostrar, através da nossa literatura, como foi e como é trabalhado o corpo do aluno na escola, e como MAUSS *apud* RODRIGUES (2000) pode nos ajudar na obtenção de um resultado melhor de aprendizagem através das expressões corporais, com base no passado do aluno e no papel do professor perante o aluno.

Assim, tendo como ponto de partida a história da Educação Física brasileira, vamos verificar o porquê da nossa situação atual e como poderemos melhorá-la. Pois “o corpo é nossa casa, lugar onde somos plenamente. Comunica-se por expressões, com uma parte ou pelo todo, com ou sem intenção, percebendo ou sem perceber, diz o que somos ou pensamos”. (GIRARDI, 1995, p. 74).

2. O PASSADO DA EDUCAÇÃO FÍSICA

Nos primórdios do Brasil colônia, a visão do corpo era muito diferente da de hoje, pois como relata ANZAI (2000), as atividades físicas, que tinham finalidade estética, eram relacionadas ao mal da alma, e o bem dela estava acima do corpo e tudo que era relacionado a ele era danoso à vida espiritual. Por isso existem “castigos” contra o corpo, como o jejum, que é a falta de alimento, fazendo com que o sacrifício do corpo eleve a alma. O que é muito diferente da realidade de hoje, onde a atividade física é relacionada à perfeição do corpo e à qualidade de vida do indivíduo. Esta visão de corpo era aliada ao fato dos escravos, pela função deles que era fazer esforços físicos.

Essa visão começa a mudar no momento em que a Família Real Portuguesa chega ao Brasil, quando os soldados da coroa passaram a utilizar o método alemão de ginástica. Mas a visão de corpo da burguesia não mudava, a atividade física continuou a ser negada por esta classe social – que aliás, era representada por pessoas de pele branca – pois pensavam que a eles cabiam as atividades intelectuais, enquanto ao proletariado – pobres e negros – sobravam os trabalhos braçais para seu sustento.

Somente no século XIX houve uma mudança na atividade física, graças a Rui Barbosa (na época em que era Deputado Federal) que, apesar

de sua idéia ter sido muito contestada, proclamou a ginástica como uma atividade benéfica a ser incorporada na escola. No entanto, seu objetivo quanto a isso, era formar na escola homens fortes para defenderem a pátria e mulheres saudáveis que gerariam filhos saudáveis. (ANZAI, 2000).

Nesta época houve uma grande influência na ginástica, principalmente pelos médicos com a visão higienista que visava a superioridade racial da burguesia brasileira, que também era branca.

Durante o Estado Novo (1937 - 1945) houve várias mudanças: uma delas foi à troca do método ginástico alemão nas escolas brasileiras para o método francês; e a outra foi à visão do governo em relação ao ensino cívico e a Educação Física, onde o governo pretendia formar um novo brasileiro, um cidadão forte que deveria trabalhar no parque industrial que estava se formando no Brasil.

Podemos analisar que o corpo era uma peça fundamental para o governo. O corpo do brasileiro tinha várias funções: a defesa da pátria, a criação de uma nova sociedade, ser mão-de-obra para o capital estrangeiro, e manter a classe dominante no poder.

No momento em que entra a Ditadura (1964) em nosso país, percebemos que a Educação Física seguiu outra ideologia, ela surge como forma de dominação de idéias, como coloca ANZAI (2000, p.72), “o estudante cansado e enquadrado nas regras de um esporte, não tem disposição para entrar na política”. Outro fato foi à entrada do método esportivo, e a saída da ginástica francesa como forma de conteúdo na disciplina da Educação Física, como relata BETTI (1991).

Outro fato que devemos considerar é o caso da Guerra Fria, em relação ao esporte nos Jogos Olímpicos, onde não estava só em jogo o primeiro lugar, mas também a divulgação do regime político que mostrava o quanto era melhor o regime do país do atleta.

Na década de 80, após a divulgação do método do professor Kenneth Cooper, houve uma busca do melhoramento do corpo, e os conceitos do começo do século até então começaram a ter uma drástica mudança. As pessoas começaram a viver numa sociedade que visa a corpolatria, conforme CODO e SENNE (1993). Essa corpolatria busca basicamente o melhoramento da estética do corpo. Perante a sociedade, um corpo “sarado” é bem visto, em comparação com um corpo não tão bem cuidado, que não irá ter tantos privilégios numa sociedade capitalista.

Como conseqüências, a Educação Física que era voltada nesses anos quase que exclusivamente para a escola (licenciatura) necessita de mais

conhecimentos em relação ao corpo que vai ser trabalhado. Nessa mesma época, por essa ocasião de busca de conhecimento, surgem novos cursos de Educação Física nas instituições de ensino superior, não só com a habilitação na área da licenciatura, mas também para o bacharelado.

Nesta perspectiva, podemos ver que o corpo foi alvo de muitas divergências na sua história. Mas que corpo, o biológico ou o social? Percebemos que o corpo foi tratado basicamente de forma biológica, desde o começo dos movimentos ginásticos introduzidos na escola, onde se buscava um biótipo de cidadão brasileiro, até o culto ao corpo aflorar na busca de um ser humano melhor esteticamente. Sendo o corpo social, sempre foi manipulado pela sociedade dominante, esse corpo que só se deteve ao movimento repetitivo e não do raciocínio do porquê do movimento.

3. A SITUAÇÃO ATUAL DO CORPO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Percebemos que o corpo na história referente à Educação Física foi utilizado não na busca do conhecimento corporal do aluno, mas, no sustento da aristocracia brasileira daquele tempo.

Em nosso momento atual, observamos que graças aos avanços da busca da melhor condição de vida, através da atividade física, a Educação Física brasileira toma essa questão e a coloca à tona com vários trabalhos publicados, como: MEDINA (1987), GONÇALVES (1994), BRUHNS (1994), DAOLIO (1994), MOREIRA (1995), entre outros. Vemos com estes autores que o corpo é redescoberto não como repetidor de gestos, mas sim um criador de movimentos.

Mas um grande problema dessas literaturas é o que o professor Vitor Marinho de Oliveira descreve em entrevista dada a DAOLIO (1997), onde ele fala que a produção na área da Educação Física é pouco aplicável para o público maior (acadêmicos e profissionais da área da Educação Física), fazendo haver um grande abismo de conhecimento entre a fonte e o consumidor de estudos referentes à área.

Partindo disso, notamos que a Educação Física na escola tem o corpo como referencial de trabalho, mas grande parte do referencial teórico abordado nas literaturas acima são pouco aplicadas nas aulas. É como aborda MOREIRA (1995) em seu estudo, onde relata a relação professor-aluno, sendo o professor tem uma conduta de ditador autoritário e a aula toma a direção para a prática do esporte. Um esporte que

quer a vitória a qualquer custo e não tendo uma Educação Física como processo educativo para o aluno. Fazendo assim, a busca do rendimento esportivo como fator de orientação para as aulas de Educação Física.

Segundo GONÇALVES (1994), o corpo na aula de Educação Física acaba sendo disciplinado e não tendo o momento de ter experiências de movimento. Colocando a figura do professor, como um ditador na busca do movimento e não um agente que auxilia na criação do movimento corporal do aluno. A mesma autora cita que, “*não permitindo que os alunos formem os seus próprios significados de movimento, as aulas de Educação Física conduzem-nos à passividade e à submissão, desencorajando a criatividade*”. (p.36).

GONÇALVES diz ainda que a busca ao rendimento esportivo privilegia alunos que têm melhores aptidões, fazendo assim a competição e, conseqüentemente, a formação de uma elite no grupo.

Ela escreve que:

a busca de desenvolvimento de capacidades físicas e habilidades motoras, de forma unilateral, utilizando unicamente critérios de desempenho e produtividade, ignorando a globalidade do homem, gera uma Educação Física alienada, que ajuda a acentuar a visão dicotômica do corpo e espírito do homem contemporâneo (p.37).

Ao vemos o corpo trabalhado na aula de Educação Física, verificamos que o principal conteúdo aplicado pelo professor é o esporte, não considerando, muitas vezes, outras atividades como a dança, a ginástica, etc. Essa visão de esporte é uma herança dos sistemas de ensino da década de 70.

Em síntese PICOLLO (1995, p.11) explica que:

atualmente a Educação Física Escolar deixou de ser um espaço de novas experiências de movimentos – onde o aluno se integra socialmente, desenvolve seus domínios cognitivos, motor e afetivo-social, com oportunidade de criar, experimentar, tomar decisões, avaliar e se relacionar – para ser o espaço reservado às crianças que possuem bom desempenho no esporte, geralmente escolhido pelo professor para preparar equipes competitivas ou demonstrativas representando a escola.

Assim, a Educação Física tem como objeto de trabalho o corpo, que pode ser trabalhado através do esporte, dança, ginástica, etc. Mas o que encontramos na maioria das vezes nas escolas, é a prática esportiva de rendimento tomando conta da aula. Tornando-se assim, a aula de Educação Física um objeto do esporte e não ao contrário, que é: o esporte um objeto da prática pedagógica da Educação Física na escola. E assim temos

no contexto atual uma Educação Física escolar que apoia equipes de rendimento na escola e não a aprendizagem do aluno durante a aula.

4. MARCEL MAUSS E SUAS TÉCNICAS DE ENSINO DO CORPO

Marcel Mauss (1872-1950) tem como ponto de partida de seus estudos o corpo, sendo que “*O corpo aprende e é cada sociedade específica, em seus momentos históricos e com sua experiência acumulada que o ensina*”, como fala KOFES (1994, p.47), ao comentar o trabalho de Mauss.

Para ele as técnicas de estudo do corpo correspondem às ordens: social, biológica e psicológica, fazendo assim uma forma de “homem total”, pois é o meio em que o indivíduo vive que determina o uso técnico do corpo, como escreve RODRIGUES (2000), em seu estudo sobre Mauss.

Mauss tem linhas gerais trabalhadas em três conceitos que são: interdição, “imitação prestigiosa” e “sangue-frio”, como relata RODRIGUES (2000) em seu trabalho e que neste momento iremos explicá-las:

Interdição: são técnicas do corpo aprendidas através do meio social em que vive o indivíduo; sendo assim, o meio caracteriza como vai ser a forma de viver da pessoa.

“Imitação prestigiosa”: é educar o uso técnico do corpo, através de um modelo de pessoa que tenha prestígio na comunidade em que o indivíduo vive.

“Sangue-frio”: é controlar a forma de uso do corpo. É um trabalho de forma cautelosa, que provoca um retardamento do movimento, havendo um maior controle no movimento desordenado, para se ter um resultado de movimento coordenado satisfatório.

Mas como esses conceitos de Marcel Mauss podem ser discutidos e vivenciados no contexto da Educação Física atual? Bem, a questão é a forma de ensino praticada na nossa atualidade.

O conceito de trabalho que aborda a interdição, é uma forma de ensino que provém do passado do aluno em meio de suas atividades na sociedade. Um exemplo disso é encontrado em DAOLIO (1995): muitas vezes se tenta ensinar a fazer a parada de mão em alunos de escolas de periferia, sem considerar que os próprios alunos sabem “plantar banana”. As técnicas são muito parecidas e podem auxiliar no aprendizado partindo de uma técnica para outra. Por isso é necessário que o pro-

fessor conheça o meio social e cultural em que vivem os seus alunos, para que o andamento da aula seja compatível à realidade dos mesmos.

A “imitação prestigiosa” é uma técnica que deve ser usada durante a aula, pois consiste no uso do conhecimento do professor sobre o movimento como forma de ensino e empenho por parte do aluno para a imitação do movimento. Mas temos que observar que o professor deve ter o conhecimento sobre o movimento, pois, caso contrário, o aluno aprenderá de forma não eficaz o movimento. Podemos acrescentar no trabalho de Mauss, a seguinte colocação: necessariamente não precisa ser o professor este modelo de gesto. Pode-se utilizar outras pessoas ou outros recursos como vídeos, etc. O mais importante é uma discussão com os alunos sobre os gestos nas aulas. Isso pode ser feito em forma de trabalhos e discussões contextuais produzidos pelos discentes.

Neste momento entra a questão, que se o “professor for um formador de opinião” (neste caso, do movimento), nesta técnica o professor é um agente criador do movimento, mas que também auxiliará o aluno na aprendizagem do movimento proposto. Mas isso não significa que ele seja o único criador de movimento. Apenas dará a idéia ou modelo de movimento, e a partir desta idéia ou modelo, poderão ser criadas outras formas de expressões corporais por parte dos alunos.

A técnica de “sangue-frio” poderá ser aplicada em um dado momento da aula para auxiliar o ensino do movimento ao aluno que tenha dificuldades no movimento, onde o professor deve trabalhar o retardamento do movimento, fazendo com que os movimentos inadequados sejam melhorados, ocorrendo na busca da melhora satisfação no desempenho corporal do discente.

Segundo RODRIGUES (2000), a proposta de Mauss sobre a forma de passar o conhecimento é um processo total, é o biológico e o social que se deve ser considerado no momento da aprendizagem. Então, a forma de ensino na escola deve ser analisada. Primeiramente, ver como é o meio que vive a criança para começar o processo pedagógico de ensino na escola e não ir diretamente à busca de atletas para o desporto de rendimento.

5. CONCLUSÃO

Este artigo teve como característica analisar algumas situações da Educação Física escolar no que se refere à questão do corpo. Sendo que o

corpo do brasileiro na idade escolar foi usado para vários fins na sua história, no princípio a Educação Física moveu-se na busca de um corpo modelo para o cidadão brasileiro e, na sua atualidade, está na maioria das vezes à procura do atleta rendimento nas aulas de Educação Física.

As práticas de ensino foram transformadas na sua história, não no bem comum do aluno, mas sim, da classe que deteve o poder na respectiva época. Essas práticas não analisavam o passado e a situação atual do aluno no contexto social.

Mas, se “*o corpo é nossa casa*” (GIRARDI, 1995, p.74), observamos que a “casa” ou o espaço dos alunos muitas vezes foi deixada de lado, na busca de ideologias dominantes, como: a formação de jovens fortes para a proteção da pátria; a formação de uma nova sociedade; alienação do aluno através do esporte durante a Ditadura; e agora o que bate a nossa porta é à busca do atleta rendimento para representação da escola em jogos, e não a busca do aprendizado de movimentos corporais do aluno na aula como deveria ser. Mauss (apud RODRIGUES, 2000) entra nesta discussão no que se refere ao modo de ensinar, respeitando o aluno e trazendo ele para ajudar na montagem do ensino da prática pedagógica tendo como ponto de partida a bagagem histórica do aluno adquirida através do seu meio social. Através dos conceitos de Marcel Mauss o professor é um aliado no aprendizado e ajuda o aluno no aperfeiçoamento, domínio e também na criação de novos movimentos.

As técnicas de Marcel Mauss enfatizam o aprendizado do movimento do aluno e não o rendimento esportivo existente nos dias de hoje, tendo uma Educação Física que cumpre seu objetivo principal, que é a educação. (OLIVEIRA, 1983).

Assim buscando um melhor conceito da Educação Física escolar, que é busca do aprendizado do aluno na sua percepção corporal e não buscando o rendimento do “atleta” escolar, assim respeitando o corpo - ou a “casa” - do educando.

6. BIBLIOGRAFIA

ANZAI, K. O corpo enquanto objeto de consumo. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Campinas, v. 21, n. 2/3, p. 71-76, 2000.

BETTI, M. **Educação Física e sociedade**. São Paulo: Movimento. 1991.

BRUHNS, H. T. (Org). **Conversando sobre o corpo**. 5ed. Campinas: Papirus. 1994.

CODO, W.; SENNE, W. A. **O que é corpo(latria)**. 3ed. São Paulo: Brasiliense. 1993.

DAOLIO, J. **Da cultura do corpo**. Campinas: Papyrus. 1994.

_____, **Educação Física brasileira: autores e atores da década de 80**. Campinas, 1997. 97p. Tese (Doutorado). Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas.

_____, Educação Física escolar: uma abordagem cultural. PICOLLO, V. L. N. (Org.). **Educação Física Escolar: ser... ou não ter?** 3ed. Campinas: Unicamp, 1995. p. 49-57.

GIRARDI, M. J. Brincar e viver o corpo. PICOLLO, V. L. N. (Org.). **Educação Física Escolar: ser... ou não ter?** 3ed. Campinas: Unicamp, 1995. p. 73-86.

GONÇALVES, M.A.S. **Sentir, Pensar, Agir: Corporeidade e educação**. Campinas: Papyrus. 1994.

KOFES, S. E sobre o corpo, não é o próprio corpo que fala? Ou, o discurso desse corpo sobre o qual se fala. BRUHNS, H. T. (Org.). **Conversando sobre o corpo**. 5ed. Campinas: Papyrus. 1987. p. 45-60.

MEDINA, J. P. S. **O brasileiro e seu corpo**. Campinas: Papyrus. 1987.

MOREIRA, W. W. **Educação Física escolar: uma abordagem fenomenológica**. 3ed. Campinas: Unicamp. 1995.

OLIVEIRA, V. M. **O que é Educação Física**. São Paulo: Brasiliense. 1983.

PICOLLO, V. L. N. Apresentação. PICOLLO, V. L. N. (Org.). **Educação Física Escolar: ser... ou não ter?** 3ed. Campinas: Unicamp. 1995. p. 11-14.

RODRIGUES, R. Sociedade, corpo e interdição: contribuições do estudo de Marcel Mauss sobre as técnicas do corpo. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Campinas, v. 21, n. 2/3. p. 65-70. 2000.